

OS REIS-MANDADOS

la um trabalhador a caminho de casa quando à porta duma taberna lhe apareceu o sapateiro da rua a chamá-lo.

«Vizinho, eh, vizinho. Pode mandar buscar as botas que as acabei agora mesmo.»

«É já,», disse o trabalhador, que ficou logo bem-disposto com a novidade. «Mas primeiro havemos de beber um copo para festejar.»

«Assente. Mande servir que eu vou num instante à loja buscar a encomenda.»

As botas não eram para ele, trabalhador. Tinha-as mandado fazer de bom cabedal, de macia capa de vaca, solas de pneu de automóvel e valentes costuras, com destino a um enteado que vivia na sua companhia.

«Cortei-as,» explicou o sapateiro, «com a mesmíssima facilidade com que cortei o papel do molde. Nem um nervo, nem uma dobra maltratada. Não encontrei debaixo da faca a mínima coisa que se dissesse: é desperdício, desfeia a pele. E, vizinho, não há nada como as dobras e os olhais do couro para desfear uma peça. Não só a desfeiam como a tornam mais fraca, que é muitíssimo pior. À nossa saúde, vizinho.»

I. O trabalhador levou as botas novas para casa e mostrou-as à mulher.

«Homem,» disse ela, com ar preocupado. «Ou me engano muito ou fizeste grosso erro nas medidas. Como queres tu que a criança se mexa com umas sapaterras desse tamanho?»

«O moço está na idade de crescer, foi de propósito. Em menos de um ano ficam-lhe justas.»

Estavam eles a apreciar as botas, chegou o hóspede da casa. Olhou e deu também o seu parecer:

«São grandes, são. Mas antes folgadas do que à justa. A comadre meta-lhes umas palmilhas de cartão e verá como ficam boas. Olá, forros de pele?»

«Forros de pele, pois então,» confirmou o trabalhador; sorria para a mulher e para o hóspede, orgulhoso da sua compra. «Tudo de primeira. Nem um nervo, nem uma dobra a desfear o couro, que é o principal para que uma obra não fique fraca. E os acabamentos, já viu? Repare como estão metidos os pontos.»

«Cheiram a novas,» disse do outro lado a mulher. «Há muita gente que não gosta, mas este cheiro a mim sabe-me bem. Lembra-me os domingos de festa, não sei...»

«O cheiro do cabedal,» declarou o hóspede, baixinho.

E o dono da casa: «Principalmente, do cabedal talhado à mão. O que vem das fábricas é outra coisa, já não tem este cheiro.»

Apesar de já não ser Verão e no Verão anoitecer, como se sabe, devagar e muito tarde, os dois homens e a mulher que observavam as botas não se tinham lembrado de acender a luz. Não tinham possivelmente dado pela noite, pois estavam os três de pé, enfiados numa cave com porta para a calçada, mirando e remirando duas coisas pesadas e claras, dois vultos que na verdade eram botas mas que, com a morte do dia, se tinham transformado de formas em vultos em simples manchas.

E, naturalmente, quanto mais avançava a escuridão mais os entretidos habitantes da cave chegavam as botas à cara para as poderem ver, decifrar e discutir, a ponto de mergulharem nelas, de lhes irem à alma (como diria um mestre de ofício) e de também já as não reconhecerem sequer como vultos mas como dois pedaços de cheiro – o cheiro que nelas vinha.

«Diga-se o que se disser, o que manda ainda é a qualidade do material,» comentavam entre eles, farejando as botas. «Uma pele destas, tão macia e tão certinha, tanto pode ser ensebada como tingida.»

OS REIS-MANDADOS

«Ensebada? Ensebada é que nunca, compadre. Ninguém vai aceitar para marçano um rapaz de botas ensebadas.»

«Pois tenho pena, comadre. Com sebo duravam mais tempo.»

«Bom...», murmurou a voz do trabalhador dono da casa. «Se é certo que o sebo dá duração ao cabedal, também não é menos certo que há pele que passa muito bem sem ele. Esta, por exemplo.»

«Tudo vai do acabamento, também é certo,» disse a voz do trabalhador hóspede.

«Nem mais. Obra bem acabada dispensa tinta, dispensa sebo, dispensa tudo. E não há dúvida que quem fez esta caprichou.»

«O vosso Janico fica aqui com calçado para a vida e para a morte.»

«O próprio sapateiro não esperava uma coisa assim. Disse-me ele que não encontrou um sinal de nervo em toda a peça. Nem uma dobra, quer melhor?»

«Caso raro. Lá na nossa terra, que é a nossa terra, a gente via-se e desejava-se para descobrir uma pele que não tivesse nós.»

A mulher, que se tinha sentado ao pé do fogareiro no fundo da casa, disse então que era por isso que toda a gente, lá na terra, esperava pelo São Bartolomeu para calçar a família. «Lembro-me muito bem, contávamos as semanas pelos dedos da mão e às vezes não chegavam as mãos. Em arreios e cabedais a feira de São Bartolomeu tinha fama.»

«Tinha e tem,» completou a voz do hóspede. «Ainda o ano passado lá estive e encontrei tudo na mesma. O mesmo gado, as mesmas assaduras, a mesma romaria...»

«O mesmo cheiro?,» perguntou a mulher do seu canto. «Quando eu era pequena conhecia aquela feira à distância pelo cheiro dos couros.»

«Os couros, comadre, têm o mesmo cheiro em todo o lado. São sola, cheiram a curtido.»

«Parece-lhe. Quando a gente apreçava uns sapatos no São Bartolomeu, não sei, era diferente.»

Do sítio onde estava, a mulher já não distinguia as botas ou as duas manchas que elas podiam ser pairando entre dois homens no escuro. Um pouco à distância, sentada ao fogareiro e de abano pousado no regaço, para ela as botas eram cheiro guardado, recordação. Talvez mais: infância, estevas em flor, invernias.

«Mulher,» disse-lhe o marido. «Acende o candeeiro e chama o rapaz.»

E ela, muito pronta: «Janico. Ó Janico.»

Gritou mesmo dentro de casa, levantando-se num salto como quem acorda com a lembrança de um nome. Depois acendeu o candeeiro e veio para a rua.

Voltou-se para o norte: «Janico!»

Voltou-se para o sul: «Janico!»

Voltou-se para uma vizinha que vinha de buscar água ao chafariz e para um rapazola que passava devagarinho na lambreta: «Viram por aí o meu João?»

Ela a dizer isto e o filho a saltar-lhe debaixo das saias:

«Senhora.»

Tocou-o para casa e mal passaram a porta acharam-se na presença duma mesa iluminada com as novas botas e uma lancheira de tábua. Sentado a uma ponta estava o padraсто, na outra o hóspede.

OS REIS-MANDADOS

«Presta atenção,» começou o dono da casa para o pequeno enteado. «Amanhã de manhãzinha a tua mãe há-de dar-te esta lancheira fornecida com farnel e estas botas para tu calçares.»

«Posso experimentá-las?»

«Não se interrompe quem fala,» repreendeu o hóspede, baixinho

«Leva estas botas,» continuou o padraсто, «mas, muito tino, não as esfoles porque são para tingir.» (Olhou o hóspede.) «Ou para ensebar, ainda não decidi. Seja como for, vais de botas. Preparas-te muito bem preparado, penteias essa gaforina e logo no primeiro eléctrico da carreira metes em direcção aos Estoris. Faço-me compreender? Vais, toma sentido, procurar as praias e os cafés que nesta época do ano estão cheios de banhistas e de burgueses.»

Diante da mesa armada com as botas e a lancheira, mãe e filho escutavam de pé a palavra do marido-padraсто. Era, contra o costume, um discurso muito medido letra a letra e quer o dono da casa, quer o homem que o acompanhava tinham os olhos no pequeno Janico. Ambos, de guarda à mesa, estavam de costas para a noite.

Claro que, lá fora, a calçada devia andar cheia de vozes que voltavam do trabalho. Mas se andava não se ouviam, ou então tinham-se calado perante aquele marido-padraсто que falava de costas para a noite. Dizia ele:

«De sorte que bates os cafés e as esplanadas porque aí é que está a clientela da gorjeta. Primeiro os cafés e as esplanadas, estás a ouvir bem? Inclina-te para as casas grandes, estabelecimentos de boas portas, porque aí, além da gorjeta, sobe-se. Mas para subir, muito tino e apresentação. E agora, rapaz, vê o que fazes. O necessário já tu tens. Levas a cédula onde está escrita a tua idade no caso de te acharem pequeno de mais, e quanto a habilitações, já sabes, nunca digas que não tens o exame.»

Neste ponto a mulher lembrou-se da cédula: «Cabeça a minha, que não sei onde a meti. Guardaste-la-tu?»

«Comadre...,» segredou o hóspede.

O dono da casa levantou a voz:

«Tomaram muitos,» disse ele, continuando, «tomaram muitos com a quarta classe saberem o que tu sabes de contas e de leitura. Por aí estou descansado. Há também a questão do ordenado» (tornou a olhar o hóspede) «fala-se depois. É assunto para eu tratar. E acho que, tal e tal, está tudo.»

«Fiador...,» lembrou o outro homem.

«Fiador?»

«Claro. Há casas que exigem fiador.»

«Se exigirem logo se vê. Mas para agora o rapaz já conhece o principal. Juízo é que ele precisa de ter naquela cabeça. E nunca te esqueças, rapaz, as esplanadas primeiro que tudo. Nada de espertalhices e muito menos de te pores a falar em escola nocturna, que isso então era desgraça. Os patrões estão-se trabalhando para a escola dos outros. Metem um marçano, sim senhor, mas querem-no à disposição a qualquer hora Fiz-me compreender?»

«Sim, padrinho.»

Então o padraсто, dono da casa, acendeu vagarosamente um cigarro, puxou-lhe uma fumaça longa e mediu o enteado dos pés à cabeça: «Sabes portanto,» disse, «sabes perfeitissimamente o que tens a fazer. É ou não verdade?»

OS REIS-MANDADOS

Resposta do pequeno:

«É, sim, padrinho.»

II. Logo de madrugada, noite ainda, a bem dizer, o moço Janico partiu à aventura. A mãe, em chinelas e cabelo pelas costas, veio acompanhá-lo até ao cimo da calçada e isso deu-lhe grande contentamento porque só uma vez, uma só, ela tinha feito a mesma despedida ao marido-padrasto. Sim, mas com o homem dela foi mais adiante, pensou o rapaz. Acompanhou-o pelo menos até à esquadra da polícia e talvez mesmo até à estação dos eléctricos. Estação dos eléctricos?, perguntou João Janico a si próprio. Tão longe? Já distante da casa e da mãe levava ainda na lembrança a cerimónia da subida nocturna que tinha feito com ela, rumo à cidade.

A partir daí viajou entre operários, seus iguais, num eléctrico de sono e de campainhas. Atravessou o escuro e as meias cinzas da noite até que, de surpresa, o sol veio apanhar numa longa avenida, quando deslizava ao correr de uma praia deserta.

«Que terra é esta, faz favor?»

O revisor respondeu que era Algés, onde os banhistas são pobres e maioria domingueiros.

«E esta agora?», perguntou mais adiante.

«Esta agora é Cruz Quebrada, fim da minha viagem e entroncamento para a tua. Se queres alcançar Cascais ou qualquer das praias nobres tens de apanhar o autocarro ou seguir por estrada. Nem para a direita nem para a esquerda, sempre em frente. A não ser que vás de comboio, que é seguro e mais certo. Escolhe.»

«Escolho o comboio,» disse o rapaz.

«Que bilhete?»

«Qualquer, desde que não seja no rápido porque é mais caro.»

O revisor deu-lhe uma palmadinha no ombro:

«Vejo que és esperto. Podes ir que não te perdes.»

Foi. Lancheira na mão, botas de sete léguas, calça comprida e pente no bolso, João Janico (Perninhas de Lebre, Orelhas em Bico) viu-se levado pela margem do mar e num abrir e fechar de olhos encontrou-se no meio de um jardim com muitas lojas a toda a volta. Era o comércio à espera dele; só que ainda estava por abrir aquela hora da manhã.

Descobriu luz numa porta, bateu. Apareceu-lhe uma menina, muito bela e desdenhosa, envolvida em perfumes e cristais.

«Não precisa de um rapaz para as voltas e recados?»

«Rapaz? Aqui é salão de beleza, experimenta a porta ao lado.»

Passou à outra: ninguém. Depois à outra e à outra.

«Não precisa de um rapaz para as voltas e recados?»

«Volta mais logo. O patrão ainda não chegou.»

João Janico pôs-se então a fazer horas, sentado no jardim. Pela frente dele passavam automóveis a brilhar, corredores de linda estampa, muito airosos na manhã; e no mar, tocados pelo vento, barcos.

OS REIS-MANDADOS

Pôs-se a contar os carros. Resolveu que se nos dez primeiros aparecesse um encarnado era sinal de que arranjaría emprego nessa manhã. Contou e perdeu. Contou outros dez, ganhou. Assim não valia, se tivesse acertado logo à primeira é que sim – foi a conclusão a que chegou.

Sabia que tinha apostado numa cor difícil mas preferia assim, visto que na sua pouca idade já aprendera que quanto mais arriscada é a prova da sorte mais seguro é o resultado. Escolher, por exemplo, um carro preto nunca seria habilidade, não poderia sequer considerar-se uma pergunta ao destino. A sorte talvez até se ofendesse com a esperteza, pensava ele.

Neste jogo de cor e destino, foram-se abrindo as lojas e foi-se afirmando o sol. Janico pegou no pente e num pedacinho de espelho que tinha com ele e ajeitou o cabelo.

«Rapaz para as voltas e recados, é preciso?»

E das lojas respondiam:

«Estamos servidos, pequeno.» Ou: «Volta mais tarde.» Ou ainda: «Deixa-nos o nome, nós te chamaremos.»

À hora do meio-dia tinha os pés em labareda dentro das pesadas botas. A garganta ardia-lhe de secura e como por ali só havia ruas de alcatrão abertas ao sol a pino, caminhava com dificuldade, preso ao calor da terra.

«Água,» suspirou. «Quem me dera aqui um chafariz.»

«Tens bom remédio,» aconselhou uma voz dentro dele. «Vai às esplanadas sobre o mar e não te faltará quem te mate a sede.»

Assim foi. João Janico, sempre a palmilhar calor e asfalto, chegou a uma estalagem à beira do mar, onde começavam as barracas e os restaurantes dos banhistas. Pedia água ou pedia trabalho?

Pediú água, dois copos de enfiada. Depois perguntou que estrada era aquela que ali via, onde levava e qual o seu nome.

«Estrada do Verão e dos turistas,» responderam-lhe. «Para cima leva ao Casino e ao jogo, para baixo vai a Lisboa. O seu nome é Marginal. Está satisfeito?»

Agradeceu e saiu. Tão pesado se sentia, tão consolado também, que se descalçou. O mar chamava-o com a sua frescura, sua doce solidão, e o pequeno caminhante não soube resistir. Correu para ele, de braços abertos, levando pelo ar lancheira e botas: «Ala-ala-ala!» Gritava e saltava atravessando a areia a escaldar e só parou quando a espuma das ondas lhe veio beijar os pés, muito maneirinha. Então foi tal o alívio que se sentiu leve, leve, e muito longe do mundo das casas e das pessoas. Era todo luz e água a rebrilhar; dali em diante havia de lhe custar a esquecer aquele mar e principalmente o modo leal como o tinha recebido. Se eu tivesse um barquinho vivia aqui toda a minha vida, pensou.

Seguiu ao longo da praia, sempre pela areia molhada, sempre parceiro do mar. Andou, andou e ao cabo de muito andar sentou-se à sombra de uma muralha. Escolheu o sítio com cuidado, de forma a evitar que os limos ou as algas lhe pusessem manchas nas calças. Em seguida tirou o farnel que vinha na lancheira e que era pão, arroz e dois carapaus. Comeu.

Enquanto comia pôs-se a observar a lancheira fabricada pelo padraço com finas tábuas aplainadas e cantos de folha batida. Isso e as calças molhadas, apesar de as ter arregaçado, lembravam-lhe a família e a sua obrigação de pequeno trabalhador, marçano ou moço para voltas e recados. Contava com o tempo do almoço para secar a roupa e com a tarde para descobrir um patrão que o recebesse. Com a tarde, pois:

OS REIS-MANDADOS

sempre tinha ouvido dizer que os patrões ricos ficam na cama até ao meio-dia e as praias dos banhistas estavam lá longe, eram um formigueiro de gente.

À volta dele saltavam as humildes pulgas-do-mar que, na sua maneira de ver, eram bichos de alto mistério. Pareciam-se com camarões de leite ou filhos de camarões acabados de sair do ovo. Não achava impossível que assim fosse, visto que nas Aventuras do *Capitão Morgan* as tartarugas vinham desovar às praias desertas e como elas tantos outros animais do mar que começam do nada e crescem muito com o tempo. Estas pulgas-pulguinhas podiam muito bem ser os camarões de amanhã e os camarões, por sua vez, talvez fossem lagostins de pouca idade.

E os lagostins? perguntou. – Os lagostins, lagostas de pouca idade.

E os caranguejos? – Santolas de pouca idade.

E os carapaus? E os cações? – Chicharros de pouca idade, tubarões de pouca idade.

E as baleias? Ui, suspirou. As baleias! Essas são velhas, têm cidades na barriga. São os maiores animais, são os bichos de maior idade que há no mar. Algumas quando morrem ficam à superfície e transformam-se em ilhas onde as pessoas plantam palmeiras e fazem cabanas. Verdade?, perguntou João Janico sem saber se tinha lido isto em qualquer parte.

Arrumou a lancheira e preparou-se para partir. Se fosse um verdadeiro operário teria fumado o seu cigarro e dormido a sua sesta. Mas era um marçano e os marçanos querem-se à disposição dos patrões a todas as horas para o que for necessário. Faça-me compreender?, lembrou-lhe a voz do padraço.

III. João Janico, Perninhas de Lebre, Orelhas em Bico, seguiu viagem até às esplanadas das praias e às vilas dos banhistas. Correu as portas principais, numa disseram-lhe que voltasse, noutras que desistisse. Procurou comércio pobre, simples tabernas de estrada ou mercearias de um só dono: a mesma coisa. Não queriam, estavam servidos.

Desiludido e, para mais, com os pés roídos pelas botas, começou a caminhada para casa. Tinha-se afastado do mar e do comboio na ânsia de encontrar dono e pão, e agora, morto de cansaço, seguia a passos curtos – de velho, não de criança – amparado aos muros e às coisas. É certo que fez parte do caminho a pé descalço, mas sempre que passava pelas lojas temia ser apanhado naquela triste figura. Com muito sacrifício lá tornava a enfiar as botifarras e por vezes puxava mesmo do caco do espelho e ajeitava o cabelo com o pente.

Para se animar contava os passos, dizia, suponhamos, «vinte até aquele candeeiro» e chegado lá marcava mais vinte para depois descansar um bocadinho. A seguir apontava outros tantos e mais outros e assim sucessivamente.

Neste caminhar foi ter a uma rua coberta de tílias, toda bordada de palácios. Rua fresca e sossegada, sem comércio nem movimento: só flores e grades, e criadas fardadas. Chegou e deixou-se escorregar por uma parede até ficar sentado no passeio. Tirou as botas: quentes por dentro como duas fornalhas. Apalpou os pés: estavam em bolha, cortados de suor. Perguntava a si mesmo quantos anos teria de usar aquelas botas até se lhe ajustarem ao pé ou pelo menos até se tornarem dóceis e poder orgulhar-se delas. Olhava-as sem rancor, com tristeza apenas porque, embora de sete léguas ou mais, tinham a sedução das coisas novas. Perguntava, por outro lado, se porventura seria uso dos patrões fornecerem calçado próprio aos mar-

OS REIS-MANDADOS

çanos e se no dia seguinte, e no outro, e no outro, teria de procurar trabalho da mesma maneira, com aquelas botas.

Ao cair da tarde, quando estava ainda sentado na companhia das botas a receber a paz e a aragem que subia do mar, apareceram uns rapazitos a correr ao Rei-Mandado. Ia o rei à frente e coisa que ele fizesse teria de ser repetida pelos moços que vinham atrás.

«Rei-Mandado... Um!»

«Rei-Mandado... Dois!»

«Rei-Mandado... Três!»

Rei-Um saltou e os outros saltaram também; Rei-Um apanhou um galho de trepadeira e os outros quebraram também o seu galho; Rei-Um passou pelo rapaz sentado e deu-lhe uma palmada na lancheira.

O Janico pôs-se logo de pé, contra a parede; em menos de nada tinha calçado as botas e estava em guarda. Sabia que pelas regras do Rei-Mandado cada qual tinha de dar também a sua palmada na lancheira e por isso a agarrava com decisão, pronto a responder ao ataque. «Experimentem,» ameaçava.

Os outros andavam de largo, fingindo que brincavam entre si mas com o olho nele. A pouco e pouco iam-se chegando, fazendo fintas para lhe estudarem as respostas e o moço percebeu que estavam a perder-lhe o medo. Às vezes vinham de corrida e quase que lhe passavam ao alcance do braço mas Janico bem via que eles queriam era arrancá-lo da parede para o rodearem à vontade. Queriam, calculou então, chamá-lo para campo aberto onde o pudessem atacar por todos os lados.

«Experimentem, vá...»

Rei-Um vigiava. Eis senão quando vem de lá um mais atrevido, faz uma curva de andorinha a rasar o muro, e escapa-se. Janico esbracejou para se defender mas neste esbracejar tropeçou nas botas, perdeu o pé e do outro lado veio logo um moço que lhe atirou um encontrão e, zás! palmada na lancheira. Zás! passou outro a seguir; e zás!, o outro. Quando deu por si, João Janico estava caído no passeio a chorar.

Uma vez que tinham cumprido a obrigação do jogo, os reis-mandados desapareceram na primeira esquina, numa algazarra de triunfadores. «Lá vai rei-mandado, Um... Lá vai rei-mandado, Dois...» e a rua das tílias voltou ao sossego. Mas, como diz o outro, a curiosidade é irmã da má consciência tanto nos pequenos como nos adultos; razão por que daí a nada os três diabelhos estavam de volta. Encontraram João Janico lavado em lágrimas, a arrumar as coisas na lancheira. Não os olhou nem os temeu, queixava-se apenas sozinho:

«Borregos, filhos dum cabrão.»

Rei-Um, que vinha à frente, acercou-se com bons modos:

«Partiste alguma coisa?»

Continuava a arrumar. Não respondeu nem o insultou porque havia nesse chefe dos reis-mandados uma certa tranquilidade muito própria dos jogadores que obedecem a leis, por mais duras que elas sejam, e depois disso voltam a ser pessoas naturais, sem ofensa nem rancor. Vieram os outros dois, de mão estendida para o levantar. Recusou. Estava ofendido e, mais do que ofendido, cansado.

Em vistas disso, os reis mandados sentaram-se junto dele, no passeio. Ofereceram-lhe cigarros que o moço, bem entendido, também não aceitou, virando a cara para o lado. Paciência, fumavam eles. E depois, de cada baforada, explicaram-se. Começaram por declarar que brincavam aos reis-mandados e, como tal, tinham cumprido o dever de tocar-lhe na lancheira, mais nada.

OS REIS-MANDADOS

«Quando reinas ao Rei-Mandado não fazes o mesmo?»

Janico, olhos no chão, acenou com a cabeça: fazia. Sendo assim, o culpado, se havia ali culpado, era o chefe, Rei-Um, que tinha escolhido a lancheira para prova do seu poder. Mas nem isso seria justo levar-lhe a mal porque no Rei-Mandado os bons chefes conhecem-se pelas partes novas que inventam e principalmente pelos desafios que lançam à sua corte. O mau chefe, o medroso, só manda dar berros e coisas assim; este lembrou-se da lancheira, que havia de fazer?

«Pela saúde da minha mãe se eu contava que tu caíesses,» disse um dos rapazitos.

«E eu? Mal lhe toquei,» disse o outro.

E Janico, tristemente:

«Bem sei, foram as botas.»

Conversa puxa conversa, às tantas já estavam na boa companhia, falando de lutas e de namoradas. Sobretudo das namoradas nas férias dos banhos que é a estação em que elas andavam loucas com o calor. «Nessas alturas,» contou o Rei-Um, «o meu irmão mais velho diz que se passam coisas aqui que não se passam em parte nenhuma do mundo.»

Janico, tristemente, fez que sim com a cabeça.

«Quantos anos tem ele?,» perguntou, baixinho.

«O meu irmão? Vinte e um.»

«Dezoito,» emendou outro rei-mandado. «Vinte e um tem o meu primo que já foi à tropa.»

Segue-se que conversando e passando cigarros debaixo das tílias nunca mais sairiam dali se não fosse o rapaz ter-se lembrado da mãe e do padrasto e da viagem que tinha de fazer até casa. Aí levantou-se. Os outros acompanharam-no até ao comboio, que ficava mais perto do que ele julgava, pelo caminho que seguiam. O pior é que, mesmo perto, os pés de Janico não aguentavam, ardiam-lhe.

«As botas,» explicava ele. «Estas malditas botas.»

«Despacha-as, pá. Um gajo com umas faluas dessas não pode prestar para nada.»

O rapaz sacudia a cabeça, calado. No íntimo concordava com o que ouvia mas não se achava com coragem para contar a razão por que tinha de seguir assim, tão torturado. Devagar, a muito custo, venceu travessas sombrias com candeeiros a balouçar na ramagem das árvores e de repente desembocou num parque iluminado.

«Conheço este jardim,» disse de si para si, o que era muito natural porque se tratava do lugar onde tinha estado nessa manhã. Começava já a ver a estrada que corria ao longo da costa, e sentia-se rodeado de gente e de comércio principal numa alegria de luzes. Somente, ia de cabeça caída. Atravessava o Verão e a noite perfumada, entre três reis-mandados, e ia de cabeça caída, sem voz.

Quando entrou no comboio pôs-se logo a tirar as botas, mas o revisor não deixou. «Proibido,» disse. Obedeceu e voltou-se todo para a janela por onde começaram a passar apeadeiros e noite, noite e casas, noite e mar. Mas, voltado para a janela, não era isso que via, não era o mundo em viagem que a sua vista encontrava. Via só, espelhado na vidraça, o rosto dele a olhá-lo com grande seriedade. A olhá-lo, a olhá-lo.

«Janico, rei-mandado,» disse baixinho para esse rosto. «João Janico,» repetiu em voz meiga. E sorriu-lhe.

Janeiro de 1960